

Sílvia Helena Belmino
Ricardo Ferreira Freitas

ORGANIZADORES

INTERCIDADES

Consumos e imaginários urbanos

Intercidades

Consumos e imaginários urbanos

**Presidente da República**

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC****Reitor**

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Jorge Herbert Soares de Lira

**IMPRESA UNIVERSITÁRIA****Diretor**

Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL**Presidente**

Joaquim Melo de Albuquerque

Conselheiros*

Prof. Claudio de Albuquerque Marques

Prof. Antônio Gomes de Souza Filho

Prof. Rogério Teixeira Masih

Prof. Augusto Teixeira de Albuquerque

Prof^a Maria Elias Soares

Francisco Jonatan Soares

Prof. Luiz Gonzaga de França Lopes

Prof. Rodrigo Maggioni

Prof. Armênio Aguiar dos Santos

Prof. Márcio Viana Ramos

Prof. André Bezerra dos Santos

Prof. Fabiano André Narciso Fernandes

Prof^a Ana Fátima Carvalho Fernandes

Prof^a Renata Bessa Pontes

Prof. Alexandre Holanda Sampaio

Prof. Alek Sandro Dutra

Prof. José Carlos Lázaro da Silva Filho

Prof. William Paiva Marques Júnior

Prof. Irapuan Peixoto Lima Filho

Prof. Cássio Adriano Braz de Aquino

Prof. José Carlos Siqueira de Souza

Prof. Osmar Gonçalves dos Reis Filho

* membros responsáveis pela seleção das obras de acordo com o Edital nº 13/2019.

**Sílvia Helena Belmino
Ricardo Ferreira Freitas**
(Organizadores)

Intercidades

Consumos e imaginários urbanos



Fortaleza
2020

Intercidades: consumos e imaginários urbanos

Copyright © 2020 by Sílvia Helena Belmino, Ricardo Ferreira Freitas (Organizadores)
Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Leidyane Viana Nogueira

Normalização bibliográfica

Marilzete Melo Nascimento

Programação visual

Sandro Vasconcellos / Thiago Nogueira

Diagramação, tratamento de imagens, redesenho de gráficos para vetoriais

Sandro Vasconcellos

Capa

Valdiano Araújo Macêdo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Marilzete Melo Nascimento CRB 3/1135

I61 Intercidades [livro eletrônico] : consumos e imaginários urbanos / Sílvia Helena Belmino e Ricardo Ferreira Freitas (organizadores). - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.
1.598 kb : il. color. ; PDF (Estudos da Pós-Graduação)

ISBN: 978-65-88492-09-3

1. Cidades. 2. Consumo. 3. Comunicação. I. Belmino, Sílvia Helena. org.
II. Freitas, Ricardo Ferreira. org. III. Título.

CDD 307.76

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
--------------------	---

Parte I

CONSUMO URBANO, EXPERIÊNCIAS E IMAGINÁRIOS SOBRE FORTALEZA EM MÚSICAS DE COMPOSITORES CEARENSES

<i>Sílvia Helena Belmino, Robson da Silva Braga</i>	12
---	----

AS JUVENTUDES E AS CIDADES NO TEXTO E NA VOZ DA LEGIÃO URBANA

<i>André Luis Campanha Demarchi</i>	30
---	----

REALIDADES E DESAFIOS DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO RIO DE JANEIRO: memória, gastronomia e ação

<i>Adelaide Chao</i>	51
----------------------------	----

A CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA NO DFB FESTIVAL 2018: uma análise do desfile “Amor próprio”

<i>Maria Isabella Sousa Miranda</i>	64
---	----

O CONJUNTO PALMEIRAS E O CONSUMO DA PRODUÇÃO MIDIÁTICA: um estudo sobre a imagem de um bairro de periferia de Fortaleza

<i>Sílvia Helena Belmino, Kamila Bossato Fernandes</i>	80
--	----

PODER SIMBÓLICO E CONSTRUÇÃO DE TERRITORIALIDADES DE CONSUMO EM FORTALEZA: o Mirante do Morro Santa Terezinha nas páginas do jornal Diário do Nordeste <i>João Flávio Menezes Amaral</i>	96
A CIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO: Sobral (CE) no programa “Sábado de todas as maneiras” <i>Claudiene dos Santos Costa</i>	112
O CONSUMO DOS LUGARES EM OBRAS AUDIOVISUAIS PARA AS CRIANÇAS <i>Verônica Dantas Meneses, Kécia Garcia Ferreira</i>	128
Parte II	
DE “CIDADE MARAVILHOSA” A “CIDADE OLÍMPICA”: reflexões sobre a (re)construção da “marca Rio” <i>Ricardo Ferreira Freitas, Flávia Barroso de Mello, Roberto Vilela Elias</i>	146
METAMORFOSES URBANAS: do Rio colonial à cidade-mercadoria <i>Adriana Guimarães Moreira</i>	160
MEGAEVENTOS E LEGADOS OLÍMPICOS: a zona portuária nas páginas do jornal O Globo <i>Igor Lacerda</i>	178
A(S) FORTALEZA(S) DA COPA DO MUNDO: representações sociais da cidade-sede no jornalismo local <i>Alissa Carvalho</i>	193
CULTURA VISUAL: sentidos e experiência no vídeo da Maratona do Rio de Janeiro <i>Tatiana Cioni Couto</i>	209
OS AUTORES	223

A CIDADE NAS ONDAS DO RÁDIO

Sobral (CE) no programa “Sábado de todas as maneiras”

Claudiene dos Santos Costa

Introdução

Desde 1997, as ondas do rádio garantem a diversão nas tardes de sábado em Sobral, município situado na zona norte do estado do Ceará, a 230 km da capital Fortaleza. O programa “Sábado de todas as maneiras” é produzido e apresentado pelo sobralense Tupinambá Marques, conhecido como Babá. Ele é radialista de formação e tornou-se humorista na prática de interpretar todas as personagens que vão ao ar no programa, cujo intuito é fazer rir e, por vezes, fazer pensar.

Sobral, suas cenas e habitantes são o foco do “Sábado de todas as maneiras”. Seu sucesso em mais de duas décadas de veiculação é demonstrado em registros lidos no decorrer do programa, via telefone ou em mensagens deixadas nas redes sociais do radialista. Pensaremos, a partir do objeto de pesquisa, na indagação de Rouanet (1992): se as cidades habitam os homens, ou são os homens que habitam as cidades.

O programa contém cerca de quinze quadros fixos. “O programa em si retrata a realidade do que nós fazemos no nosso dia a dia. Retrata a vida corriqueira das pessoas. [...] É uma realidade que eu faço, que

“você faz, que muita gente faz na rua”.⁵¹ Entre diversas vozes e personagens que Babá interpreta (ele conta que são mais de cem), os quadros têm a apresentação capitaneada ora por Fabíola, ora por Bartolomeu.

Mesmo quando os ouvintes escrevem ou falam pessoalmente se dirigindo ao Babá, eles se referem à dupla na terceira pessoa, e assim o radialista corresponde ao chamado, mudando imediatamente a voz e se apresentando em *shows* como as personagens, com vestimenta e maneirismos definidos. “A Fabíola [...] o perfil dela é crítica. São críticas, são realidades. Aquilo que nós fazemos no dia a dia. Retrata muito a cara do programa. E assim também é o Bartolomeu. Ele é um personagem crítico, porém verdadeiro, sem apelação, e assim são esses dois que mais se destacam no programa”.⁵²

Enquanto Fabíola tem a fala debochada e veste roupas extravagantes, com predominância do vermelho na peruca e na maquiagem e com muitos acessórios, Bartolomeu tem a voz rouca e modo de se expressar coloquial, com cabelo grisalho e visual brega. “Agora não, estão vendo no Face como é feito, mas no começo, há uns 20 anos, recebia cartas naqueles papeis de *fax*, muito grande, com beijo pra todo mundo, menos pra mim. [...] A intenção que eu dou é pra pensar que é outra pessoa, mesmo, que tá comigo, que a voz é totalmente diferente do meu timbre de voz.”⁵³

Sobral, das ruas para o rádio

Tupinambá Marques mora no bairro do Centro de Sobral, entre igrejas e casas quase centenárias, de onde sai quase diariamente para o local de trabalho há pelo menos 28 anos. A alguns quarteirões dali, fica sua banca no Becco do Cotovelo, onde realiza gravação manual em objetos metálicos, como placas e alianças. Radialista profissional, após estudos cursados na cidade, ele obtém renda com a venda de espaços publicitários no “Sábado de todas as maneiras”, mas mantém o trabalho

⁵¹ Marques, entrevista em 19/03/2018.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

naquele espaço e é conhecido por muitos como “Babá do Becco”. Frequentar a movimentada viela é uma oportunidade de ouvir histórias de conhecidos e transeuntes que preenchem não apenas o imaginário da cidade, mas, a cada tarde de sábado, vão povoar também o programa.

Em entrevista com Babá, percebe-se que a observação dos lugares, das pessoas e das situações em Sobral é uma prática que ele exerce com perspicácia. A atenção aguda, porém, não impede suas próprias sugestões para completar as cenas, compilando ou resumindo suas apreensões daquele microcosmos. “É o que você faz na rua, na casa lotérica, até num velório, num aniversário, num casamento, entre os comportamentos”.⁵⁴ Para levar essas narrativas para o meio radiofônico, Babá se utiliza de características de comunicador desenvolvidas em sua trajetória pessoal e sedimentadas na própria evolução do rádio.

Ele adquiriu o hábito de não gostar de viajar devido a longos períodos de internação hospitalar na capital do estado. Por cerca de 12 anos, deslocou-se entre hospitais de Fortaleza para tratar de tumor benigno na perna. Entre cirurgias e permanências em enfermarias, teve o rádio como companheiro, fortalecendo uma relação que já havia se iniciado com a admiração por seu pai. “Meu pai foi o primeiro radialista de Sobral. O primeiro a falar ‘oi’, ‘alô’, ‘bom dia’, ‘boa tarde’, ‘boa noite’ foi meu pai”, contou sobre Francisco Marques dos Santos, o Marcos da Cruz, falecido em 2012.

Vê-se, então, como o rádio passou a ser um canal por meio do qual Babá via o mundo e recebia as notícias. A influência permanece atualmente, pois ele sai pouco de casa em Sobral, mantém hábitos como atividades físicas no período diurno e só sai à noite para compromissos profissionais, sendo o rádio, acrescido recentemente das redes sociais, sua maneira de ler notícias, comentar fatos, interagir com amigos e escrever os quadros do programa. “A gente trabalha em cima do dia a dia das pessoas. Já falei no início e repito porque a gente vê... e acerta muitas coisas! A gente acerta muitas coisas que a pessoa faz e ‘poxa, parece que o cara tá me vendo!’ [...] O que eu não posso é inventar”.⁵⁵

⁵⁴ Marques, entrevista em 19/03/2018.

⁵⁵ Idem.

A popularidade do programa se expressa em telefonemas e mensagens, durante sua veiculação, enviadas por ouvintes da cidade, de fora dela, e até de outros estados e países, relatando estes serem sobralenses ou não. Há cerca de cinco anos, o conteúdo produzido por Babá vem sendo replicado na internet, com a transmissão do programa de rádio em sua página pessoal no Facebook (com mais de 5 mil amigos), edições completas disponibilizadas no YouTube, na página de seu produtor musical Ivo Aragão (mais de 4 mil inscritos), e piadas em postagens no Instagram (3,1 mil seguidores).

Os ouvintes expressam, por telefone ou em mensagens nas redes sociais de Babá, a vontade de participar do programa e, assim, são alçados a protagonistas das anedotas. Se não forem dadas muitas informações sobre a pessoa ou a história, completa-se a narração com situações recorrentes do cotidiano sobralense, quanto a ruas, costumes e estilos de vida que fazem rir pelo pitoresco ou por gerarem identificação junto ao público.

Já sobre o cenário urbano de que trata o programa de rádio, ressaltamos ser o lugar a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada pelo corpo, pelos sentidos, pelos passos de seus moradores (CARLOS, 2007, p. 17). Consideramos ainda a visão de autores como Lefébvre e João do Rio, sendo que este aponta que “a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas” (RIO, 2008, p. 7).

Cada edição do “Sábado de todas as maneiras” ocupa cerca de duas horas e meia, a partir das 16h de sábado. Desde sua criação até novembro de 2018, foi transmitido pela FM Paraíso 101.1. A partir de 1º de dezembro de 2018, passou a ser veiculado pela Tupinambá FM 100,3. Entre os quadros permanentes, narrados por personagens interpretados por Babá, como a travestida Fabíola ou o velho Bartolomeu, estão “Destrinchando sonhos”; “Ôh bicho besta é gente!”; “Curiando a vida dos famosos e quase-famosos”; “O que Sobral tem de mais ou menos”; “Deputado Alfonsão”, com seus comícios fictícios na casa de moradores reais; “Quem você joga no Rio Acaraú”, e outros.

A forma de Babá Marques ver o mundo e, conseqüentemente, de contá-lo no programa é emoldurada pela cidade, sendo necessário dissertar sobre alguns aspectos de Sobral consolidados em pesquisas anteriores.

O município e a sobralidade

Sobral (CE) surgiu como vila em 1773, com o mesmo nome de vilas portuguesas com abundância do sobro, sobreira ou chaparro. A *árvore* da família do carvalho é cultivada no sul da Europa, e é partir dela que se extrai, a cada 9 anos, a cortiça. A versão cearense é uma alusão à freguesia de Sobral, no concelho de Mortágua, pertencente ao distrito de Viseu, Portugal. Originou-se de povoamento às margens do Rio Acaraú, na fazenda Caiçara, topônimo em tupi para “o que se faz de pau queimado”, segundo José de Alencar.

Teve nomes pomposos, como Vila Distinta e Real de Sobral, e, em 1941, Fidelíssima Cidade Januária de Acaraú. A designação Januária seria homenagem prestada à princesa Januária, irmã do Imperador D. Pedro II.⁵⁶ O nome “Distinta” designava que seus colonizadores eram brancos, portugueses ou descendentes, sem origem indígena. “Real”, porque criada por ordem direta do rei de Portugal, e o topônimo Sobral é a apropriação de um topônimo português em substituição à Caiçara, conforme determinação da Coroa.

Atualmente, sua população é de 208 mil habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019). É considerada a cidade mais desenvolvida da zona norte do Ceará, com cartões-postais de igrejas e casas tombadas, em 1999, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O uso de sua rede de ensino, saúde e assistência por cerca de 50 municípios faz de Sobral um polo para a região norte do Ceará, o que a faz conhecida como Princesa do Norte.

Quanto às etapas históricas de Sobral e aos respectivos reflexos na cidade, Diocleide Ferreira (2013, p. 9) apresentou uma fase de impulsão da economia com a criação de gado e depois com o cultivo do

⁵⁶ Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/sobral.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

algodão para exportação e suas indústrias de beneficiamento no século XIX. Esses fatos promoveram a organização política e urbana da cidade, seu destaque na região norte do estado, e o surgimento de oligarquias que dominaram seu cenário e deixaram resquícios em sua arquitetura e em práticas políticas ainda em voga.

Freitas (2005, p. 29) fala da ideia de “sobralidade triunfante” como uma propagação de uma elite política e tradicional da cidade, por meio de uma memória coletiva que reverencia o passado de “pompa” e “glória”, discurso importante para justificar a necessidade da preservação do patrimônio histórico da cidade. Baseia-se em um processo elaborado pela elite da cidade, direcionado para a construção de uma autoconsciência coletiva expressa em um discurso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização de desejo pelo futuro promissor, tentando construir uma unidade ou constância no tempo vivido, projetando essa unidade como necessidade para gerações futuras (FREITAS, 2000, p. 102).

Sobral é uma cidade que se destaca por pelo menos três aspectos: 1º) por possuir uma história político-econômica privilegiada desde a sua fundação, no século XVIII; 2º) por dispor de patrimônio legado de modelos arquitetônicos associados aos traços da aristocracia local, formada ao longo dos séculos XVIII e XIX; e 3º) por ter sido a primeira cidade cearense a ser tombada pelo IPHAN, pioneirismo que, segundo Freitas (2005, p. 9), “é potencializado no campo da política e das narrativas ufanistas sobre Sobral” (FERREIRA, 2013, p. 85).

O momento da história que é sempre resgatado nas narrativas é o apogeu econômico que a cidade viveu no final do século XIX, no auge da pecuária e do desenvolvimento do comércio. Esse discurso é repetido não só por pessoas de prestígio, como afirma Freitas (2005, p. 38), mas pelos habitantes em geral, que sequer sentem necessidade de explicar o significado dos termos. Visto que não se explicam tanto fatores que envolvem a dimensão da emoção, os aspectos que corroboram uma integridade do habitante da cidade são ressaltados como elementos definidores de uma “sobralidade” e aproveitados pelas políticas públicas municipais, sobretudo sobre o tombamento de áreas da cidade.

A existência de um modelo de reconhecimento social associado a um forte sentimento de pertencimento alavanca uma “marca distintiva”, um rótulo para uma cidade. Isso impulsiona não apenas um espaço privilegiado para o consumo, mas também uma cidade a “ser consumida” por meio de políticas públicas direcionadas para o turismo, eventos, entretenimento, desporto e cultura.

Assim, a cidade é conhecida por sua “opulência e tradição”, com uma identidade ressaltada pela elite local, que se envaidece da “memória do triunfo e riqueza do passado” (FREITAS, 2000, p. 30). O termo “sobralidade” resalta a importância dessa cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância, que têm consigo o símbolo de nobreza.

No Ceará, a riqueza veio do interior para a capital. Enquanto Fortaleza ainda era um areal desolado, cidades como Icó, Aracati, Crato, Sobral esplendiam em prosperidade. Seu Teatro São João é muito anterior ao José de Alencar, da capital. Sobral era tão poderosa, que conseguiu uma estrada de ferro somente para transporte de mercadorias que a ela chegavam ou dela partiam através do porto de Camocim. Por isso, Sobral cultivou o bairrismo como lembrança desses tempos dourados, o que lhe valia ironias dos filhos de Fortaleza, que acusavam os sobralenses de falar Inglês, que aludiam as necessidades do passaporte para visitar a cidade, etc. (COSTA, 2003, p. 139-140).

Essa é apenas uma versão do que seria ser sobralense, porém é uma “imagem que é idealizada, processada e armazenada na forma de uma série ordenada de unidades individuais espaciais, dispostas contiguamente, cada uma com um “brilho especial e definido” (FREITAS, 2005, p. 39). Seu objetivo seria produzir narrativas escritas de forma laudatória para justificar, defender, elogiar ou louvar o “sobralense”, em instâncias de consagração, de notabilidade dos “escolhidos” e, supostamente, “privilegiados” moradores da cidade, transcendendo versões, especificidades e contextos circunstanciais. A “sobralidade” seria a própria essência ou natureza íntima da existência na cidade, aquilo que faz com que o “sobralense” seja o que é na sua natureza. Sua significação seria distintiva e supostamente definitiva.

O termo “sobralidade” funciona como “designador rígido”, constante e durável, que identifica de forma genérica e imprecisa o habitante da cidade e serve para institucionalização de práticas e atitudes dos técnicos e burocratas do poder público municipal, introduzindo divisões nítidas, fixas e necessárias com habitantes de outras cidades, principalmente com os de Fortaleza, desconsiderando peculiaridades circunstanciais e acidentais individuais no fluxo da realidade, seja do ponto de vista temporal, seja do ponto de vista espacial. Todo “sobralense” parece ser igual nestas imagens construídas pela “identidade” substancial edificada pelos documentos que justificam o Tombamento do Patrimônio Histórico de Sobral. Além de parecerem ser iguais entre si, os “sobralenses” são diferentes do “fortalezense”, por exemplo. É uma abstração de uma “personalidade” que está sendo construída por esta narrativa (Bourdieu, 2000) (FREITAS, 2005, p. 60).

Precisamos pontuar, contudo, que imprecisões históricas poderiam, em alguns momentos, enfraquecer a glória da cidade e fazê-la cada vez mais distante no tempo e passível de dúvidas. Porém, a história local seria o caminho para uma singularidade, e uma “identidade” que deve ser entendida também como projeto a ser implantado no presente. O “sobralense” figura aí como um “escolhido” que transcende a existência mundana dos homens comuns de outras cidades, eternizado num discurso laudatório para justificar um louvor ao que a cidade representa apesar de sua imprecisão conceitual (FREITAS, 2005, p. 60).

Para entender a dinâmica social da cidade, precisa-se levar em consideração as habilidades dos agentes sociais em cinzelar, entalhar ou lavar sua vida na matéria dura de concreto e asfalto organizado no espaço. No esculpir da vida urbana, os agentes modelam as práticas que deixam impressas suas maneiras de agir e suas formas de entender o mundo.

Desta forma, não se entende a cidade somente como um aglomerado de concreto armado que serve de habitação para as pessoas, mas também como o resultado de uma “arte” que engloba e relaciona vários conjuntos de elementos como: uma diversidade de regras para dizer ou fazer com acerto “o que se deve fazer” em diferentes contextos, um conjunto de prescrições de um ofício cotidiano, um conjunto de saberes ou perícias em fazer coisas, uma diversidade de expressões de ideais de beleza concretizados em qualquer obra, conjunto de adornos, reunião de formas de uso de objetos, conjunto de uso do corpo nas atividades cotidianas, um conjunto das obras de uma época, em uma região ou

país, habilidades, jeitos, maneiras, modos, espertezas, traquinagens, travessuras e astúcias cotidianas (FREITAS, 2005, p. 160).

Em piadas e bordões desfilados por Babá Marques no “Sábado de todas as maneiras”, faz-se alusão ao veloz crescimento econômico e estrutural da cidade, porém com um pretense descompasso em relação à mentalidade dos moradores. Alguns desses mantêm hábitos e modos de vida mais condizentes com a Sobral de anos anteriores, de caráter menos urbano, feições mais clássicas de engenharia e população em menor número e de proporções mais estáveis. Hoje, o estilo da cidade é de um polo econômico e universitário, com migrantes sazonais para finalidades de estudo e emprego.

A ideia da “sobralidade triunfante” é um recurso que todo e qualquer agente social, agregado a uma rede de relações amplas, prestigiosas ou não, utiliza para legitimar uma posição social e uma certa forma de entender a realidade, como é o caso do prefeito do Becco do Cotovelo (FREITAS, 2005, p. 160). Esse local peculiar é frequentado pelo produtor e apresentador do “Sábado de todas as maneiras” há quase 30 anos.

A vida acontece no Becco

O Becco do Cotovelo é uma movimentada viela que liga ruas no centro comercial de Sobral. Sua peculiaridade começa já no nome de influência portuguesa, com dois “cês”. Poderia ter perdido essa nomenclatura em prol da língua normatizada no Brasil, mas, como se viu no tópico anterior, tende-se a valorizar aspectos que “enobrecem” a cidade. O local recebe, frequentemente, eventos como gravação de programas de rádio, comícios, lançamento de produtos e de campanhas governamentais, e já foi tema de documentário⁵⁷ e de trabalhos acadê-

⁵⁷ O documentário “Becco do Cotovelo”, de Eduardo Cunha e Pedro Cela, foi vencedor do prêmio Primeirolhar 2016 nos XVI Encontros de Cinema de Viana de Castelo (Portugal). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jlcc1lohkQg>. Acesso em: 26 mar. 2018.

nicos.⁵⁸ Até placa com seu nome correspondente em inglês pode ser vista em uma de suas esquinas.

O Becco possui uma prefeitura própria, que define suas ações e intervenções, a serem referendadas pela Prefeitura Municipal de Sobral, e conta com a Associação dos Amigos do Becco do Cotovelo, iniciada em 1993, da qual Babá Marques é associado. O surgimento do Becco do Cotovelo foi por volta de 1820, para facilitar o acesso de pedestres entre as irregulares ruas que primeiramente foram se delineando no Largo do Rosário, onde atualmente está situado a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Entrou para o mapa oficial da cidade em 1842, a partir de pedido da Câmara de Sobral para que todas as ruas e casas fossem nominadas. A tentativa era de deixar os trechos da cidade mais nivelados e regulamentar as vias. O Becco do Cotovelo, que acabara de ser “oficializado”, não fugiu a essa regra e apresenta uma simetria não linear. A formação de duas ruas laterais constitui o quarteirão de forma triangular, sendo o ápice iniciado na Praça do Rosário e sua hipotenusa na Avenida Dom José.

Atualmente, é o endereço de bares, lanchonetes, papelarias, loterias, vendedores ambulantes, estúdios de fotografia e bancas, além do tradicional Café Jaibaras, com o Livro de Assinatura de visitantes ilustres. Sua extensão é de 7,5 m de largura e 75 m de comprimento, cortando transversalmente as ruas Cel. José Sabóia e Cel. Ernesto Deocleciano, onde há uma variedade de lojas e instituições bancárias. E quanta efervescência corre naquele espaço pulsante! Eu mesma presenciei eventos diversos desde a infância, inclusive uma roda de capoeira. “Nesta ruela as ‘coisas acontecem’. O que torna esta rua singular é a vivacidade nela existente. Ela é palco de manifestações e relações so-

⁵⁸ Alguns trabalhos são “Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo” (de Antonia Maria Rodrigues Laureano Carneiro – Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas - Uece, 2016); “A (re)invenção de uma cidade: *Cid marketing* e a requalificação urbana em Sobral-CE” (de Diocleide Lima Ferreira – Doutorado em Ciências Sociais – Universidade Estadual de Campinas, 2013); “Do Becco à cidade: representações de um espaço urbano em Sobral-CE” (de Maria Jaqueline Gomes de Paula – Graduação em História – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012; FREITAS, 2000, 2005 e outros relatados nas referências bibliográficas.

ciais constantes, o que a torna única, com significação muito além de um simples itinerário” (CARNEIRO, 2016, p. 16).

A imagem da “princesa” associada à Cidade, quando relacionada à símile democrática do “Becco”, não se apresenta de forma contraditória nas palavras do poeta. A “princesa”, nas lendas que recordam o período medieval, representa a meta e o bem sublime a ser alcançado pelo cavaleiro-herói, depois de atravessar diversos obstáculos. Em vários contos de fada essa ideia é recorrente. A construção poética elabora uma interação da riqueza, da opulência aristocrática com a imagem moderna da democracia, da autonomia e reconhecimento das diferenças. A agora sobralense é o espaço onde a “princesa” se faz povo. O “Becco” é a “sala de visita da princesa” como registra a ata da reunião da AABC, que aguarda tanto o cavaleiro-herói quanto a plebe para contemplá-la (FREITAS, 2000, p. 171).

Além do espaço arquitetônico, a história de Sobral pode ser percebida ali como registros locais, pessoais, plurais, experiências de vida comuns, o que “mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis” (BESSA; ARAÚJO, 2012, p. 25). Em pesquisa sobre memórias de trabalhadores de uma fábrica de tecidos em Sobral, situada em um bairro vizinho ao Centro, as historiadoras Alana Araújo e Telma Bessa propuseram a análise da história oral como uma forma de desviar “o olhar das hierarquias para as relações, das posições para as representações, fazendo-o compreender como determinada realidade social construída, pensada, significa simbolicamente, dada a ler como um texto” (BESSA; ARAÚJO, 2012, p. 30).

Lembramos que o Becco do Cotovelo é um local de livre acesso, com estabelecimentos abertos em horário comercial, mas nenhum portão ou obstáculo físico que impeça seu uso em qualquer dia ou horário. Seria um lugar democrático, apesar de bastante frequentado, historicamente, por indivíduos de famílias abastadas na sociedade sobralense. Ouvir seus transeuntes seria uma oportunidade de “preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, como defendia o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940). Porém, veremos que o espaço já recorta, mais uma vez, as possibilidades desse olhar.

Em dissertação sobre “beccianos” e “beccianas”, Carneiro (2016) concluiu que as táticas de fazer e habitar o Becco do Cotovelo se caracterizam pelo lazer e pelo trabalho, sendo o lazer destinado aos homens e o trabalho às mulheres e a alguns homens. A diferença de gênero é marcada pela linha tênue que legitima quem pertence ou não àquele lugar.

Os “beccianos” que frequentam diariamente este espaço social o fazem devido ao prazer vivenciado em partilhar com amigos as experiências e angústias, portanto, a vivência diária no Becco seria como uma “terapia” em que se renovam as energias, a esperança e a felicidade. Em contrapartida, as mulheres, trabalham no local mantendo, portanto, a representação inversa a alguns homens. [...] Becciano, usado majoritariamente no masculino (justificado pela presença maciça de homens), denota, um sentimento de pertença, de reconhecimento e de valorização do lugar. Ou seja, implica que os frequentadores mantêm laços estreitos de sociabilidades. Assim, ser “becciano” é sinal de pertença a um lugar específico, compartilhamento de determinado tipo de linguagem e valores sociais entre grupos de amigos (CARNEIRO, 2016, p. 13).

Aquela rua estreita tem sua extensão tomada por um calçadão que impede trânsito de veículos. Postes de iluminação centrais e bancos de madeira no contorno das bases elétricas oferecem oportunidade de as pessoas ficarem sentadas, “[...] trazem o aspecto de praça, de passeio público” (CARNEIRO, 2016, p. 20). Aliás, poucos usam o Becco apenas para cortar caminho, pois ele é mais comumente o destino. É um ponto de encontro, local de conversas, de aprendizado, da descontração, do entretenimento, da brincadeira, de se deixar “saborear pelas informações proliferadas, filtradas e, portanto, representadas diariamente” (CARNEIRO, 2016, p. 23).

Lá as histórias vão ecoando, como narrativas dos sujeitos na vida cotidiana da cidade, naquele espaço amplo de debate, com pluralidade de relatos, interpretações e análises. Cada sujeito apresenta seu significado, sua experiência social vivida por pessoas que se relacionam, e vão além do que é estabelecido e padronizado, influenciando na construção da própria história. “Estes têm experiências sociais vividas e compartilhadas que acontecem num ambiente social, num contexto mais amplo, possuem narrativas únicas que têm dimensão social” (BESSA; ARAÚJO, 2012, p. 33).

Cada becciano(a) defende um ponto de vista, uma imersão. Está presente, se fazer presente e pertencente a um grupo, às regras, uma história de tradições e lembranças. Esse discurso de pertencimento se torna importante, pois autoriza e legitima quem pode ser considerado do grupo, quem tem a autoridade de incluir ou excluir e apontar as regras a serem cumpridas (CARNEIRO, 2016, p. 27).

Com a legitimação popular de apontar regras, os beccianos iniciaram em 1993 a Associação dos Amigos do Becco do Cotovelo (AABC), com o propósito de socializar “os interesses relativos à política, à moral, aos bons costumes, às notícias e às relações econômicas financeiras particulares” (FREITAS, 2000, p. 151). Em 12 de agosto de 1993, no primeiro encontro da associação, foram elaboradas as regras para escolha de dirigentes, aclamando-se Expedito Vasconcelos como “prefeito” do Becco. Ele é proprietário do Café Jaibaras, localizado em uma das esquinas do Becco, e exerce a função até hoje. “O ‘prefeito’ é um cargo com função simbólica que pretende preservar e conservar o espaço público, não havendo remuneração para o exercício do mesmo” (CARNEIRO, 2016, p. 37).

Uma das reivindicações da AABC foi a proposta, iniciada em 1993, de reformar o Becco do Cotovelo. A conquista veio apenas na gestão de Cid Ferreira Gomes (1996-2000). A associação também define os agraciados com a comenda “Orgulho de ser sobralense”, entregue a personagens sobralenses que têm destaque econômico, social e político.

Atraindo muitas pessoas diariamente e com eventos marcantes na história na cidade, o Becco conquistou lugar relevante na identidade de Sobral e está incluso no “corredor cultural” do patrimônio histórico. Compõem esse corredor espaços nobres: o solar conhecido como dos Figueiredos, o Museu Diocesano Dom José Tupinambá da Frota,⁵⁹ a Igreja

⁵⁹ O nome de Dom José Tupinambá da Frota é comum em locais e registros da cidade por ser este bispo considerado o maior benfeitor de Sobral. O próprio radialista Tupinambá Marques foi nomeado em sua homenagem, por ele ter celebrado o casamento de seus pais, a poucos quarteirões de onde mora, hoje Colégio Sant’Ana. “Tendo-se notabilizado em Roma, D. José preferiu ser o primeiro em Sobral. Decidiu voltar à terra natal, da qual seria o segundo construtor e da mesma jamais se afastou. Na área da saúde, fundou a Santa Casa, hoje hospital-referência na região [...]. Na área da educação, criou o seminário, para formação da elite eclesiástica, instalado no prédio em que hoje

do Menino Deus (em frente à residência do Babá), a Praça e o Teatro São João, o Colégio Santana e o Becco do Cotovelo.

Além de ser conhecido como local de fofocas, no Becco, circulam veículos jornalísticos, com páginas fixadas no Café Jaibaras, um “modo de informar a população, como também para enaltecer os sobralenses, principalmente se a notícia for referente à visibilidade pública alcançada por seus filhos ilustres” (CARNEIRO, 2016, p. 41). Assim, o que é veiculado na imprensa, um registro histórico, é alçado a um patamar de maior visibilidade por citar sobralenses. A ênfase que o Becco do Cotovelo dá àquele microcosmo valoriza histórias parciais e plurais.

Considerações finais

O programa “Sábado de todas as maneiras” pretende mostrar Sobral e, por vezes, fazer com que ela se veja, com pontos positivos e negativos, a fim de abarcar festividades, elogios, reclamações e reivindicações. Usa representações, conexões entre conceitos e linguagem para se referir aos objetos, sujeitos ou acontecimentos, e memórias da cidade há muito cultivadas. Como exemplo, citamos suas principais praças e ruas, muitas delas tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), e hábitos bairristas, como sempre avaliar melhor o que é ligado à cidade, como uma nobreza inerente à “sobralidade triunfante”. Os temas e informações dos quadros citam zonas urbanas e rurais da cidade, costumes, estabelecimentos e trabalhadores e utilizam características de Sobral para fazer rir, como seu clima quase invariavelmente quente, relevância econômica na região, apelidos e piadas baseadas em seus habitantes ou fatos recentes.

funciona a Reitoria da Universidade Estadual do Vale do Acaraú. Depois, veio o Colégio Sobralense, para estudantes do sexo masculino. E, por fim, o Colégio Sant’Ana, para moças da cidade. Não se pode esquecer do patronato Maria Imaculada, dedicado à educação primária dos pobres, e da Escola Industrial Doméstica, primeiro estabelecimento de ensino profissional a funcionar na cidade. No fim da vida, ainda encontrou forças para criar um abrigo para velhos. Fundou também o Banco Popular de Sobral e o jornal *Correio da Semana*, que ainda hoje circula” (COSTA, 2003, p. 16).

Símbolos e marcas visíveis dos espaços da cidade condicionam a construção do invisível, do que se diz sobre ela, no caso de Sobral, associado à imagem das várias faces da “sobralidade”. A relação entre sensação imediata vivida e lembranças de experiências possibilita a imagem que se tem da cidade, servindo de fonte para a compreensão de informações e códigos da socialidade e orientação de ações no presente. De certa forma, o programa reforça essa sobralidade, pois também joga luz sobre a cidade e sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de importância, ainda que, por vezes, essa eminência seja contraposta ao ordinário justamente para se sentir um contraste, um choque, que provoque riso.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, F. S. de. *Origem da cultura sobralense*. Sobral: Edições UVA, 2005.

BECCO do Cotovelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jlcc1lohkQg>. Acesso em: 26 mar. 2018.

BESSA, T.; ARAÚJO, A. *Sobral: outros olhares, outras memórias, outras histórias*. Sobral: Instituto ECOA, 2012.

CARLOS, A. F. A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARNEIRO, A. M. R. L. *Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo*. 2016. 99 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade) – Centro de Estudos Sociais, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

COSTA, L. da. *Sobral: cidade de cenas fortes*. Fortaleza: ABC Editora, 2003.

FERREIRA, D. L. *A (re)invenção de uma cidade: Cid marketing e a requalificação urbana em Sobral-CE*. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2013.

FREITAS, N. A. de. *O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral*. 2005. 297 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FREITAS, N. A. de. *Sobral: opulência e tradição*. Sobral: UVA, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades@*. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso em: 5 jul. 2019.

MELO, D. *Cama de baleia: imaginário da população da ribeira do rio Acaraú em Sobral – Ceará*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

PAULA, M. J. G. de. *Do becco à cidade: representações de um espaço urbano em Sobral – CE*. 2012. Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2012.

PESAVENTO, S. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 11, n. 11, p. 25-30, 2004.

RIO, J. do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Edição de bolso).

ROUANET, S. P. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? *Revista USP*, n. 15, set./out./nov. 1992.

SARLO, B. *Mercadorias e cultura urbanas*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SOARES, M. N. M. (org.). *Eclipse de 1919: múltiplas visões*. Sobral: UVA, 1999.

SOBRAL Ceará – CE. Histórico. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/sobral.pdf>. Acesso em: 5 maio 2018.

OS AUTORES

Adelaide Chao

Publicitária, doutora e mestra em Comunicação na linha de pesquisa Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade; integrante dos grupos de pesquisa Lacon (Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo) e Nectar (Núcleo de Estudos sobre Cultura e Alimentação). Pesquisadora associada do CNPq/LCC – Laboratório de Cidades Criativas da ESPM-RJ. E-mail: adelaide.chao@gmail.com.

Adriana Guimarães Moreira

Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tem especialização em Gestão de Projetos pelo Coppead-UFRJ (2010) e graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Faculdade da Cidade (1991). Tem grande interesse em estudos relacionados à comunicação organizacional, relações públicas, cidade, megaeventos, consumo e imaginário.

Alissa Carvalho

Formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e mestre em Comunicação, também pela UFC. Suas áreas de interesse na pesquisa incluem representações sociais, jornalismo e esportes. Atualmente, é jornalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). E-mail: alissavcarvalho@gmail.com.

André Luis Campanha Demarchi

Doutor em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Federal do Tocantins, no curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade. Membro do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas (Neai) e tutor do Grupo PET Indígena – Conectando Conhecimentos. Realiza pesquisas com os povos Mebengôkre (Kayapó), Apinajé e Xerente. E-mail: andredemarchi@gmail.com.

Claudiene dos Santos Costa

Jornalista pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Comunicação na UFC, onde cursou também mestrado em Comunicação e especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem. Servidora pública desde 2008 no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), sendo, atualmente, Assessora de Comunicação Social no estado do Ceará. E-mail: claudienecosta@gmail.com.

Flávia Barroso de Mello

Doutoranda em Comunicação Social na Uerj, com bolsa da Faperj. Mestre em Comunicação Social pela mesma universidade, contemplada com bolsas da Capes e Aluno Nota 10 da Faperj. Pesquisadora no grupo de pesquisa Comunicação Urbana, Consumo e Eventos, da Uerj, e integrante do Lacon (Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo), também da Uerj.

Igor Lacerda

Doutorando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e mestre em Comunicação, também pela Uerj. Graduado em Comunicação pela Universidade Veiga de Almeida. Pesquisador no Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (Lacon-Uerj).

João Flávio Menezes Amaral

Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do

Ceará (UFC), na linha Mídias e Práticas Socioculturais. MBA em Gestão de Propaganda e Marketing pelo Centro Universitário 7 de Setembro (UNI7). Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Pesquisa temas relacionados a consumo urbano, consumo e processos identitários, consumo e territorialidades e segregação socioespacial. E-mail: joaofmamaral@gmail.com@gmail.com.

Kamila Bossato Fernandes

Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e mestre em Sociologia, ambos pela Universidade Federal do Ceará. Também é doutora em Estudos de Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal). Atua como professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, na área de Telejornalismo. Na pesquisa, tem interesse nas áreas de jornalismo alternativo, discurso, poder e gênero. E-mail: kamila.fernandes@gmail.com.

Kécia Garcia Ferreira

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Goiás e em Administração pela Universidade Anhembi Morumbi. Produtora audiovisual na Tapioca Tour Entertainment e Diretora na ATCV – Associação Tocantinense de Cinema e Vídeo. E-mail: keciagf.pos@gmail.com.

Maria Isabella Sousa Miranda

Mestre em Mídia e Práticas Socioculturais pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e graduada em Jornalismo pela UFC. Coursou Designer de Moda na Universidade de Fortaleza (Unifor). No campo do jornalismo, atuou nas áreas de produção de TV, marketing, comunicação interna e assessoria de imprensa. Atualmente, foca sua pesquisa na relação entre representação de identidade e moda. E-mail: mariaisabellasm@gmail.com.

Ricardo Ferreira Freitas (Organizador)

Professor Titular da Faculdade de Comunicação Social da Uerj, onde é membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação desde a sua fundação. Doutor em Sociologia pela Université René Descartes – Paris V e mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Pós-doutor pela Sorbonne e pela Université Paul Valéry – Montpellier 3.

Roberto Vilela Elias

Doutor e mestre em Comunicação Social pela Uerj. Especialista em Política e Planejamento Urbano pelo IPPUR-UFRJ. Graduado em Ciências Sociais (UFRJ), com Licenciatura plena em Ciências Sociais (UFRJ). Desde 2010, é pesquisador associado ao Laboratório de Comunicação Cidade e Consumo (Laccon-Uerj), onde atua em pesquisas na área de cidade, megaeventos e violência. Como docente, leciona Sociologia, Filosofia e disciplinas afins à Comunicação Social. E-mail: roberto.vilela@me.com.

Robson da Silva Braga

Professor do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará, estando lotado no curso de Jornalismo. É jornalista, mestre em Comunicação pela UFC e doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Desenvolveu pesquisa sobre apropriações de tecnologias de comunicação e informação no espaço urbano durante seu pós-doutorado em Comunicação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). E-mail: robsonsilvabraga2@gmail.com.

Sílvia Helena Belmino (Organizadora)

Professora Associada do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e membro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Tatiana Cioni Couto

Jornalista, mestre em Mídia e Cotidiano (UFF-PPGMC-2015) e doutoranda em Comunicação (UERJ-PPGCOM, início em 2019). Docente desde 2011 na Faculdade Pinheiro Guimarães – habilitação em Jornalismo. Atualmente, faz parte do Lacon (Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo) da Uerj. E-mail: tatianaccouto@hotmail.com.

Verônica Dantas Meneses

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. Jornalista e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. Professora associada na Universidade Federal do Tocantins, no curso de Bacharelado em Jornalismo e no Mestrado em Comunicação e Sociedade. E-mail: veronica@uft.edu.br.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



[Versão digital](#)

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br

A Universidade Federal do Ceará contribui por excelência para a educação e para a ciência em nosso país. Como um dos seus avanços acadêmicos, merece destaque o desenvolvimento da pós-graduação, que fortalece o pilar da formação de recursos humanos por meio da pesquisa.

A pós-graduação brasileira, sistematicamente avaliada nas últimas décadas, ganha credibilidade, e seus pesquisadores gozam de reconhecimento internacional. Nesse processo, o livro integra a produção intelectual acadêmica das múltiplas áreas que compõem o quadro científico da Universidade e apura os esforços dos pesquisadores que veiculam parte de sua produção nesse formato.

A Coleção de Estudos da Pós-Graduação foi criada, portanto, para apoiar os programas de pós-graduação *stricto sensu* da UFC e consolidar uma política acadêmica, científica e institucional de valorização da pesquisa, ao franquear o curso da produção intelectual em forma de livro.

